

Empresários sofrem pressão na Amazônia

SÉRGIO CARDOSO DE ALMEIDA

Os problemas da Amazônia e do índio no Brasil estão tomando um rumo parecido com o fanatismo dos xiitas de Khomeini, é a moda vigente dos radicais de esquerda e ecologistas exacerbados é criar uma condição de suspeita sobre os empresários que trabalham naquela região. Nessa campanha frenética, não estão sozinhos. Contam com o apoio integral e até com a intromissão de governos e entidades de países do Primeiro Mundo, há bem pouco tempo considerados colonialistas pela nossa esquerda. Como no Brasil os nossos políticos, em geral, aderem sempre às campanhas retumbantes, não raciocinam e nem admitem ficar contra o vento, acabam engrossando as fileiras dos slogans mais em voga, porque, antes dos interesses permanentes do País, estão os seus próprios, visando os votos da próxima eleição.

O presidente da República, os governadores e os parlamentares entram nessa bafúrdia, multiplicando órgãos ecológicos, legislando a torto e a direito sobre a economia amazônica e os índios. Até agora, nenhum candidato à Presidência da República procurou, com calma e reflexão, estudar essa realidade, com visão de estadista e de brasilidade, convocando os empresários e seus órgãos de classe a emitir suas opiniões; o que se ouve deles são apenas rudimentos ou discursos destrutivos, tais como os de Lula, sempre dentro do molde contrário ao aproveitamento econômico da Amazônia. É preciso esclarecer, mais uma vez, que na Amazônia há, pelo menos, 30% de terras de campo, cerrados e matas, que, dentro da nossa capacidade empresarial, nos tornarão o "Celeiro do Mundo". Existem mais de três milhões de quilômetros quadrados que não servem para a exploração mecanizada das grandes culturas e podem ser estudadas para uma exploração florestal perene, ou com reposição da floresta. As plantações de soja e grãos, já provam a necessidade de aproveitamento do porto de Santarém, e a estrada de ferro planejada por Olacyr Moraes demonstra a evidente e irrefreável vontade de crescer e de se trabalhar por aquelas plagas.

ABSURDO

A idiotice propalada de derubar mato de terra fértil, para

colocar bois, é absurda. Não pode convencer ninguém, porque, na hora precisa, as pastagens poderão ser transformadas em outras culturas, ou vice-versa. Somente o empresário é que sabe quando deve preferir a agricultura ou a pecuária. É uma realidade que os brasileiros e seus políticos não podem ignorar: onde a terra é fértil e o clima é bom, já houve desenvolvimento, que prosseguirá numa economia forte e imbatível, como em Altamira, Pimenta Bueno, Tangará, Santarém, Porto Nacional e Marabá, como exemplos de um todo que não pode parar. Lá existem supermercados, agências de vendas de caminhões, tratores, automóveis, serrarias, frigoríficos, produção pecuária e agrícola crescentes, que, sendo discriminadas por leis e portarias irresponsáveis, não pararão, mas poderão tornar-se palco de uma confusão prejudicial ao próprio País. A ridícula lei que pretende proibir o uso de motos-serras e a exploração de madeiras nessas áreas férteis, contidas nos 30% que devem ser incorporados à agricultura em geral, poderá acabar com o fornecimento de madeira de construção, hoje quase toda oriunda da Amazônia, e, daí em diante, pode tornar-se necessária a sua importação.

A questão do índio deve ser levada de acordo com a visão séria e humana do nosso ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, que corajosamente enfrentou os "xiitas", dizendo que o índio deve ser integrado ao País, havendo hoje somente uns 30 mil ainda com poucos contatos.

Os que defendem os direitos humanos deviam ficar arrepiados, ao saber que, sem apelação nem direito de decisão, os meninos índios estão sendo deformados nas suas tabas, para ficar como o cacique Raoni e incapazes de viver como brasileiros normais.

Por causa desses passeios do cacique deformado pelos países ricos, não podemos criar reservas cada vez maiores, calculadas em 24 mil hectares por índio, pois, quando o Brasil triplicar ou quadruplicar sua população, ninguém poderá respeitá-las.

Sem dúvida, é hora de enfrentar a ventania da demagogia e preservar nossa Nação, soberana, forte e futura.

Sérgio Cardoso de Almeida é ex-deputado federal